

Reflexões

sobre religiosidade e atitudes
diante da morte
nos filmes ocidentais e orientais

9

Lucy Gomes

Professora do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília (UCB); Professora Titular de Clínica Médica, Universidade de Brasília (UnB); Academia de Medicina de Brasília.
E-mail: lucygomes@pos.ucb.br

Luis Otávio T. Assumpção

Doutor em Sociologia, UnB; Professor do Mestrado em Gerontologia, UCB.

Vicente Alves

Doutor em Ciências da Religião; Professor do Mestrado em Gerontologia, UCB.

Cecília Vianna

Médica, Hospital Universitário de Brasília, UnB.

ABSTRACT RESUMO RESUMEN ABSTRACT

resumo

Apesar de não ocupar espaço central na temática cinematográfica, são inúmeros os filmes, de diferentes nacionalidades e gêneros, que geram imagens da religiosidade e das atitudes diante da morte nas culturas ocidental e oriental. A reflexão sobre esses filmes leva à melhor compreensão da influência cultural e religiosa na multiplicidade de imagens da morte que aparecem nessas produções. Neste texto, analisamos alguns desses filmes, estabelecendo um roteiro em ordem cronológica, brevemente comentado, para aqueles que se interessam pela temática da religiosidade e das atitudes diante da morte mostradas no cinema.

Palavras-chave: cinema, morte, cultura, religião.

abstract

Although not occupying central space in the cinematographic thematic, innumerable films of different nationalities and sorts, generate images of the religiosity and attitudes ahead the death in the occidental and oriental cultures. The reflection on these films leads to the best understanding of the cultural and religious influence in the multiplicity of death images that appear in these productions. In this text, we analyze some of these films, establishing a chronological orderly script briefly commented, for that interest for the religiosity and attitudes ahead the death thematic in the cinema.

Key words: cinema, death, culture, religion.

resumen

Aunque no ocupan el espacio central en La temática cinematográfica, las películas son innumerables, de diversas nacionalidades y clases, que crean imágenes de la religiosidad y de las actitudes con relación a la muerte en las culturas occidental y oriental. La reflexión en esas películas conduce a la mejor comprensión de la influencia cultural y religiosa en la multiplicidad de imágenes de la muerte que aparecen en esas producciones. En este texto, analizamos algunas de estas películas en orden, estableciendo una escritura cronológica, comentamos brevemente, para aquellos que se interesan por la temática de la religiosidad y de las actitudes presentadas de la muerte en el cine.

Palabras-clave: cine, muerte, cultura, religión.

Apesar de não ocupar espaço central na temática cinematográfica, são inúmeros os filmes, de diferentes nacionalidades e gêneros, que geram imagens da religiosidade e das atitudes diante da morte nas culturas ocidental e oriental. A reflexão sobre esses filmes leva a melhor compreensão da influência cultural e religiosa na multiplicidade de imagens da morte que aparecem nessas produções. Na atual revisão, analisamos alguns desses filmes, estabelecendo um roteiro em ordem cronológica, brevemente comentado, para aqueles que se interessam pela temática da religiosidade e das atitudes diante da morte mostradas no cinema.

Podemos citar como pertencentes à cultura ocidental, as seguintes expressões principais de religiosidade: judaísmo, islamismo e cristianismo. Já as principais expressões de religiosidade no Oriente são: hinduísmo, budismo e taoísmo. Nas religiões ocidentais, há uma visão linear da história, isto é, a narrativa tem um começo e um fim; o mundo foi criado num certo ponto e um dia irá terminar. Nas religiões orientais, há uma visão cíclica da história, isto é, ela se repete num ciclo eterno, e o mundo dura de eternidade em eternidade. Nas religiões ocidentais, Deus é o criador, o todo-poderoso e único (monoteísmo), enquanto nas orientais o divino está presente em tudo, manifestando-se em muitas divindades (politeísmo) ou como força impessoal que permeia tudo e todos (panteísmo). Nas religiões ocidentais, Deus redime o ser humano do pecado, julga e dá a punição, existindo a noção de vida após a morte, no céu ou no inferno. Nas orientais, a salvação é se libertar do eterno ciclo da reencarnação da alma e do curso da ação, vindo a graça por meio de atos de sacrifício ou do conhecimento místico. Este modo diferenciado de encarar a vida leva essas populações a apresentar diferentes posturas diante da morte.

Há filmes que mostram uma espiritualidade livre e adulta, afirmando que, só assim, se consegue um relacionamento verdadeiro com o Criador. A autonomia humana como condição de transcendência é o tema de **Deus e o Diabo na Terra do Sol** (Brasil, 1964), de Glauber Rocha. Neste filme, o vaqueiro Manoel e sua mulher libertam-se tanto do messianismo alienante, representado pelo beato Sebastião, quanto da violência, na figura do cangaceiro Corisco. A seqüência final os mostra correndo, enquanto a música professa: "A terra é do homem, não é de Deus nem do Diabo...", revelando o homem fazendo sua própria história.

Outros filmes narram histórias da relação entre o homem e o Sagrado. Em **O Sétimo Selo** (Det Sjunde Inseglet, Suécia, 1957), de Ingmar Bergman, o personagem Antonius volta das Cruzadas e encontra a Morte, propondo a ela uma partida de xadrez pois, enquanto estiverem jogando, ele ainda terá tempo para buscar respostas e encontrar Deus. Afinal, "ninguém pode enfrentar a Morte sabendo que foi tudo em vão". O cavaleiro Antonius questiona por que não pode

tirar Deus de dentro dele. Provavelmente, a resposta é que a mitologia e a espiritualidade fazem parte do homem, mesmo que esquecidas no canto mais fundo do inconsciente. O seguinte diálogo entre Antonius e a morte, mostra as dúvidas do cavaleiro:

-“Quero conhecimento. Quero que Deus apareça e converse comigo. Mas Ele fica em silêncio”, diz Antonius.

-“Você está magoando a si mesmo”, fala a Morte.

-“Você não vai parar de fazer perguntas?”, diz a Morte.

-“Nunca vou parar”, responde o cavaleiro.

-“Mas você não terá respostas”, ela rebate.

Análise das Religiões Ocidentais

Atualmente, as duas maiores religiões do mundo são o cristianismo e o islamismo, ambas monoteístas. O cristianismo é religião, sobretudo, do Ocidente (três quartos de todos os cristãos vivem na Europa e nas Américas). O islamismo tornou-se religião importante na Ásia (três quartos de todos os muçulmanos vivem neste continente), estando enraizado na cultura árabe.

I. CRISTIANISMO

O cristianismo é a filosofia de vida que mais fortemente caracteriza a sociedade ocidental, sendo a Bíblia o livro mais lido do mundo, hoje e em toda a história da humanidade.

O cristianismo não nasceu com Cristo pois, no antigo Testamento do Judaísmo, já se falava de amor ao próximo, da remissão dos pecados através do sacrifício, da justiça de Deus, da ressurreição dos corpos, do Juízo Final e da vinda de um Messias sofredor, submisso à vontade de Deus. Entretanto, a religião judaica não vivenciava tais elementos de modo pleno, sendo ritualista e exercida através de regras e de leis. Cristo aproximou o ser humano de Deus, como pai de toda a humanidade e não só dos judeus, colocando o amor e a misericórdia como regras básicas.

Jesus era judeu, tendo nascido entre 6 A.C. e 8 A. C. No ano 29 ou 30 de nosso calendário, foi acusado de blasfêmia por um tribunal religioso judaico, sendo sentenciado por se ter rebelado contra o Estado romano. O sofrimento, a morte e a ressurreição de Jesus dão ao cristão a vida eterna, sendo a ressurreição de Cristo interpretada como salvação da nossa mortalidade. É conceito bíblico que a vida na terra tem valor intrínseco, sendo a morte vista como algo negativo: na Bíblia, figura que Paulo chamou a morte de “o último inimigo”. É a vitória de Jesus sobre a morte, com sua ressurreição, que leva à esperança cristã na vida eterna, associada à ressurreição do corpo, ou seja, à reconstituição da pessoa inteira como um corpo espiritual. A ressurreição de Cristo trouxe nova dimensão aos seus ensinamentos,

pois a morte seria o nascimento para nova e gloriosa vida.

O Cristo instaurado no cinema do Ocidente é o Cristo teológico dos evangelhos, mas também o Cristo que simboliza idéias, pensamentos vigentes e posturas de vida, refletindo momentos históricos, políticos e sociais. Sendo assim, as imagens apresentadas de Cristo modificam-se segundo os parâmetros das épocas em que são criadas.

O cinema cristão, que se caracteriza por seu realismo espiritual, iniciou no cinema mudo, com **The Passion Play of Oberammergau** (1898), considerado um dos primeiros filmes religiosos já produzidos, contando a vida de Jesus em 19 minutos. **From the Manger to the Cross** (1912), **Intolerance** (1916) (a crucificação de Cristo é uma das quatro histórias do filme), **Ben-Hur** (1925), **The King of Kings** (1927) e **The Last Days of Pompeii** (1935) (neste filme, os fatos foram mudados, movendo o desastre da erupção vulcânica para fazê-lo coincidir com a crucificação de Jesus) são outros exemplos de filmes enfocando o cristianismo.

Há quase uma centena de filmes sobre a vida de Cristo, sendo que a maioria deles ilustra o que dizem os evangelhos, aparecendo um Cristo de forma estereotipada, com seu retrato filmico assemelhado às imagens iconográficas espalhadas pelo mundo. A primeira paixão revolucionária e simbólica foi **Aquele que Deve Morrer** (Celui que Doit Mourir), dirigido por Jules Dassin, realizada na França, em 1957. As mudanças de tempos já começavam a influenciar a figura de Cristo no cinema, representando Jesus a falta de rumo da sociedade em plena Guerra Fria. A história passa-se numa vila grega onde os habitantes vão encenar a paixão de Cristo e uma multidão de refugiados de guerra desce ao local, procurando refúgio. As autoridades da vila opõem-se a ajudar os refugiados, mas o elenco da peça, principalmente Manolis, o ator que interpreta Jesus, insiste na ajuda. No final, Manolis é morto pelo homem que interpreta Judas na peça.

Alguns poucos cineastas ousaram apresentar uma visão pessoal de Cristo. Há, por exemplo, uma obra bem tradicionalista, **O Rei dos Reis** (King of King, 1961), de Nicholas Ray, recheada de clichês. Outro Cristo completamente diferente surge em **O Evangelho Segundo São Matheus** (Il Vangelo Secondo Mateo, 1964), do marxista Pier Paolo Pasolini que, associando Freud a Marx, apresenta um Cristo revoltado, capaz de atitudes intempestivas, o oposto da figura serena mostrada por Nicholas Ray. Outro olhar diferente é o de **Jesus Cristo Superstar** (1973), de Norman Jewison, ópera-rock que apresenta Cristo não com a passividade de Ray ou os arroubos revolucionários de Pasolini, mas um Jesus *hippie*, com a indumentária característica dessa maneira de ser e pensar o mundo. No irreverente e pleno de humor negro **A vida de Brian** (1979), de Terry Jones, Cristo é mostrado bizarro, contudo, sem deixar o fervor da solidariedade e da bondade. O católico cineasta italo-americano Martin Scorsese, em **A Última**

Tentação de Cristo (1988), fez uma leitura poética dos evangelhos, estabelecendo seu personagem como homem capaz de ceder aos instintos da carne, o que ocasionou muitas críticas. Por fim, temos **Jesus de Montreal** (Canadá, 1989), de Denys Arcand, que adaptou a história de Jesus para os dias de hoje, fazendo uma reflexão acerca da sociedade atual, distanciada dos ensinamentos cristãos. O padre da basílica de Montreal convida um grupo de jovens atores para encenar a Paixão de Cristo. Aos poucos, o ator principal incorpora a personalidade de Jesus, tornando-se revolucionário e contestador, tornando-se incompreendido, marginalizado e reprimido.

Em **Acto da Primavera** (Portugal, 1998), do diretor Manoel de Oliveira, mostra Cristo no século XVI (Oliveira filmou a peça de um autor do século XVI, Francisco Vaz de Guimarães) e no século XX (os habitantes do vilarejo da Curalha, em Trás-o-Montes, que estão encenando a peça). O filme **Impacto Profundo** (Deep Impact, EUA, 1998), de Mimi Leder, ousado na linguagem, transforma metaforicamente Cristo em uma nave espacial chamada "Messias", contendo ogivas nucleares com potência necessária para destruir o cometa em rota de colisão com a Terra e, por fim, para salvar a humanidade. A operação falha mas, no filme, surge algo arrebatador: "ondas gigantes, cidades destruídas, restando a esperança".

O filme **A Paixão de Cristo** (The Passion of the Christ- EUA, 2004), de Mel Gibson, falado em aramaico e latim, inicia com o seguinte prólogo: "Ele foi ferido por nossas transgressões. Por seus suplícios, nossos pecados foram perdoados. Por suas feridas, fomos curados" (Isaias, 53). O filme acompanha as últimas doze horas de Jesus, desde o momento da traição de Judas até sua crucificação. Os maus-tratos e a agonia de Jesus na cruz lembram aos cristãos como foram resgatados para a vida eterna, como a morte se transforma em vida para sempre. No filme, Satanás é representado de forma andrógina e sua presença maligna demonstra a origem dos males praticados pelos homens.

No filme brasileiro **A Idade da Terra** (Krysto Redentor, 1980), Glauber Rocha propõe transmutar a imagem convencional de Cristo por quatro outras: Cristo Negro, Cristo Militar, Cristo Guerreiro e Cristo Índio. Glauber situa-se politicamente diante da ideia de uma religião transformadora e revolucionária, não aprisionada em dogmas ou castas, que não exclui a violência e nasce do diálogo do homem com um destino transcendente. Cristo (na visão universal proclamada por Glauber) está na guerra, na fome, nas revoluções e contra-revoluções, no materialismo e no idealismo, na peste e no milagre, não estando somente no vazio ou na negação da fé.

Atualmente, o cristianismo está dividido em muitas comunidades eclesiais. Apesar de todos os contrastes, a maioria das comunidades cristãs tem um fundamento comum: a Bíblia. Hoje, há três ramos principais na Igreja, cada um concentrado numa área geográfica

diferente: a Igreja católica romana, majoritária no Sul da Europa e na América Latina, com minorias nos Estados Unidos e na África; a Igreja ortodoxa, centrada na Grécia e na Europa Oriental; e as igrejas protestantes, localizadas sobretudo no Norte da Europa, nos Estados Unidos e na Austrália.

IGREJA CATÓLICA ROMANA

É a maior de todas as igrejas. Aproximadamente metade de cerca de 1 bilhão de cristãos existentes no mundo são católicos.

Entre os filmes católicos, temos **Milagre em Milão** (Itália, 1950), de Vittorio de Sica. Conta a história de Totó, bebê abandonado adotado por uma mulher que morre, sendo enviado para um orfanato. Ao completar 18 anos, vai para Milão, onde passa a morar em terreno ocupado por miseráveis, mudando a vida de todos com sua bondade e começando a fazer milagres após receber ajuda do céu.

Maria – Mãe do Filho de Deus (Brasil, 2003), de Moacyr Góes, mostra a vida do Messias, seus sacrifícios e morte. Foi considerado uma resposta do catolicismo ao avanço evangélico no Brasil, sendo um filme superficial. O catolicismo rústico no Brasil comporta influências de origem africana e/ou indígena. As mobilizações de caráter messiânico-milenarista em que se têm engajado segmentos da população sertaneja brasileira têm Canudos como paradigma. Estes episódios de fanatismo religioso têm como elementos presentes a figura do Messias, as transfigurações do mundo, os rituais colocados em prática e a repressão sangrenta e costumam ser dissolvidos pelas forças militares ou policiais.

O surto messiânico-milenarista ocorrido em 1955 em Catulé, Minas Gerais, foi mostrado em **Vereda da Salvação** (1965), dirigido por Anselmo Duarte, adaptado da peça teatral homônima de Jorge Andrade. Este surto teve, de um lado, o catolicismo rústico, marcado pela penitência e pela pregação do apocalipse pela boca de beatos e, de outro lado, a seita protestante Adventismo da Promessa (dissidente dos Adventistas do Sétimo Dia), religião eclesial, mas sob a expectativa do segundo advento de Cristo, seguida da elevação aos céus dos eleitos durante o “Milênio”. O filme mostra a luta pela posse da terra sem dono, com os homens armados resistindo às forças enviadas pelo dono-patrão, vislumbrando como saída o misticismo radical, que leva ao massacre de crianças.

O conflito religioso no Brasil é focalizado no filme **Guerra de Canudos** (Brasil, 1997), de Sergio Rezende. Em 1893, Antônio Conselheiro (um monarquista assumido) e seus seguidores tornam um simples movimento algo grande, fazendo a República, que acabara de ser proclamada, enviar destacamentos militares para destruí-los. Os seguidores de Antônio Conselheiro apenas defendiam seus lares, mas a nova ordem não podia aceitar que humildes moradores do sertão da Bahia desafiassem a República, destruindo os sertanejos em

1897. Estes fatos são vistos pela ótica de uma família, que tem opiniões conflitantes sobre Conselheiro.

1.2 REFORMA PROTESTANTE

No século XVI ocorreu, na Europa Ocidental, uma revolução eclesial, tanto por causas políticas quanto religiosas. Na Inglaterra, o rei Henrique VIII rompeu com o papa porque este se negou a lhe dar o divórcio, tornando-se, então, chefe da Igreja da Inglaterra. O monge alemão Martinho Lutero foi o maior responsável por esse conflito teológico, dando destaque à fé e à palavra (a Bíblia) como os elementos mais significativos da religião. Os reformadores suíços Calvino e Zuínglio defenderam rompimento mais radical com o catolicismo, dando menos valor ao batismo e à eucaristia, tornando-se essa Igreja a principal seita protestante na Holanda, Suíça e Escócia.

A Rainha Margot (La Reine Margot, Alemanha/França/Itália, 1994), dirigido por Patrice Chéreau, retrata a França em 1572, época do casamento da católica Marguerite de Valois e do protestante Henri de Navarre, que serviu de estopim para o violento massacre de mais de três mil protestantes conhecido como “Noite de São Bartolomeu”, que teve a conivência do rei de França, Carlos IX, irmão de Margot.

O filme **Lutero** (Luther, Alemanha / EUA, 2003), dirigido por Eric Till, mostra

Martinho Lutero, que acreditou ter recebido um chamado após ser quase atingido por um raio. Ele se junta ao monastério, mas logo fica atormentado com as práticas adotadas pela Igreja Católica à época. Após pregar em uma igreja suas 95 teses, Lutero é perseguido e pressionado para que se redima publicamente. Ele se recusa a negar suas teses e desafia a Igreja Católica a provar que elas estejam erradas e contradigam o que prega a Bíblia. Excomungado, Lutero foge e inicia sua batalha para mostrar que seus ideais estão corretos e que eles permitem o acesso de todas as pessoas a Deus.

2. ISLAMISMO

O islamismo remonta ao profeta Maomé, que nasceu em Meca, na Arábia, por volta de 570 d.C. Com 40 anos, teve uma revelação do anjo Gabriel, que lhe apareceu com um pergaminho, o Corão ou Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos que reúne as revelações de Maomé. Foi escrito em árabe após sua morte, estando ainda hoje intimamente relacionando à cultura árabe. Atualmente, somente uma minoria dos muçulmanos é árabe, estando o Islã amplamente difundido em vastas regiões da África e da Ásia, sendo praticado por uma sétima parte da população do mundo (por volta de 15%). Atualmente, é a segunda maior religião do planeta, depois do cristianismo.

A palavra árabe *islam* significa submissão. Na raiz do nome, há algo essencial nessa religião: o homem deve entregar-se a Deus e submeter-se à sua vontade em todas as áreas da vida. Tradicionalmente,

no Islã não há distinção entre a religião e a política, tampouco entre a fé e a moral. Todas as obrigações religiosas, morais e sociais do homem estão estabelecidas na sagrada lei muçulmana, a *Xariá*, que significa “Caminho para o Oásis”, ou seja, o caminho correto para a conduta humana mostrada por Deus, sendo a lei sagrada que se expressa no Corão. O credo do Islã está resumido na declaração de fé: “Não há Deus senão Alá, e Maomé é seu Profeta”. Alá não se trata de um nome pessoal, e sim a palavra árabe que significa “Deus”. Esse Deus criou o mundo e tudo o que nele há e, no último dia, irá trazer todos os mortos de volta à vida para julgá-los. O Islã não proíbe que se desfrute a vida na Terra, mas lembra que se deve ter sempre em mente o fato de que esta não passa de uma preparação para a vida que começará depois do julgamento divino.

No filme **A Caminho de Kandahar** (Safar É Gandejar, Irã, 2001), de Mohsen Makhmalbaf, é mostrado o Afeganistão devastado por conflitos entre facções religiosas e externas, onde as pessoas morrem de fome, frio, diarreia e devido às minas espalhadas pelo chão. Os garotos aprendem a mexer nas armas para lutar, pois os muçulmanos acreditam que a injustiça triunfará no mundo se boas pessoas não forem preparadas para arriscar suas vidas pela causa justa.

Uma Amizade sem Fronteiras (Monsieur Ibrahim et les Fleurs du Coran, França, 2003), dirigido por François Dupeyron, mostra a amizade do velho turco muçulmano Ibrahim, dono de uma mercearia, e o garoto judeu Momo. Ibrahim ensina a Momo as belezas da vida através dos olhos do Corão. Este é um filme sobre tolerância e amizade, sendo cada sentença que Ibrahim diz a Momo cheia de sabedoria e simplicidade. Na segunda parte do filme, o menino viaja com Ibrahim e aprende sobre diferentes culturas, religiões e modos diferentes de vida na Europa, até chegar a uma pequena vila na Turquia, onde nasceu Ibrahim e que ele escolhe para morrer.

A Grande Viagem (Le Grand Voyage, França/Marrocos, 2004), de Ismaël Ferroukhi, conta a história de um jovem que vive no sul da França e é forçado a levar seu pai para Meca, cidade santa na Arábia Saudita, passando pela Itália, Sérvia, Turquia, Síria e Jordânia. Desde o início, a jornada parece difícil, pois o jovem e seu pai não têm nada em comum. Aos poucos, vai se estabelecendo a comunicação, até a morte do pai, em Meca, após a realização de seu sonho.

3. JUDAÍSMO

O judaísmo não é apenas uma comunidade religiosa, mas também étnica. Uma das características do judaísmo é ser religião intimamente ligada à história. As narrativas da Bíblia baseiam-se na crença bem definida de que Deus fez uma aliança especial, um pacto com seu povo escolhido, o povo hebreu.

Durante milhares de anos, os judeus esperaram um Messias que viria para criar um reino de paz na Terra. Até hoje, a expectativa da

chegada do Messias continua viva em muitos judeus. O livro sagrado dos judeus é a Bíblia, uma coleção de textos de natureza histórica, literária e religiosa, equivalente ao Antigo Testamento sendo, porém, organizada de maneira um pouco diferente. O credo judaico é: "Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh!" (Deuteronomio 6,4). Deus é o criador do mundo, sendo um Deus que se preocupa com as coisas que criou.

Desde a Baixa Idade Média até hoje, os judeus vêm sofrendo perseguições, sendo que a pior delas ocorreu na Alemanha, entre 1933 e 1945. Seis milhões de judeus foram exterminados durante o regime nazista, sendo o Holocausto tema vasto e trágico demais para ser abarcado por qualquer forma razoável de ficção. Entre os vários filmes que mostram o Holocausto, temos **A Lista de Schindler** (Schindler's List, EUA, 1993), dirigido por Steven Spielberg. Nas ruínas da pior história do século XX, o diretor não pode encontrar um final feliz mas, ao menos, a afirmação de que é possível resistir ao mal e até vencê-lo. Schindler usou sua fábrica como um conto do vigário para enganar os nazistas sobre a vida dos seus operários, sendo sua obsessão salvar a vida dos judeus e produzir artigos inúteis, tudo isto enquanto usava um emblema do Partido Nazista na lapela.

Análise das Religiões Orientais

1. HINDUÍSMO

No Hinduísmo, religião de cerca de 80% da população da Índia, o conceito-chave é que o homem tem uma alma imortal, que transmigra. Os hinduístas acreditam que a alma se liga a este mundo por pensamentos, palavras e ações e, quando o indivíduo morre, sua alma passa para o corpo de outra pessoa ou de um animal. A alma está presa nesse eterno ciclo até que venha a salvação. O impulso por trás desse ciclo, que vai de uma existência a outra, é o *karma* do homem, palavra sânscrita que significa "ato", referindo-se a pensamentos, palavras e sentimentos, além de ações físicas, que têm conseqüências e formam a base para a próxima vida. A responsabilidade pela vida do hinduísta no dia de hoje, e por sua próxima encarnação, será sempre dele.

A Trilogia de Apu (The Apu Trilogy, 1950-1959), de Satyajit Ray, conta a história da família de Apu. A história de Apu é o reflexo de uma sociedade filosófica, meditativa e otimista, personificando a completa aceitação da vida. No segundo filme da trilogia, **O Invencível** (1956), a família vai até Benares, cidade santa, onde o pai sobrevive à custa dos romeiros que vão tomar banho no sagrado rio Ganges. O pai de Apu tem a eterna esperança de que alguma coisa pode mudar, enquanto sua mãe é que se preocupa com as dívidas, sustento dos filhos e com o futuro. Apu desposa uma estranha, compartilhando

a felicidade até que ela morre ao dar à luz, dando final, por muito tempo, à sua esperança.

O filme **Gandhi** (Gandhi, EUA, 1982), de Richard Attenborough, conta a vida de Mahatma Gandhi, hinduísta indiano que conseguiu com a não violência libertar a Índia do controle da Inglaterra.

Manika (Une Vie Plus Tard, França, 1988), de François Villers, é baseado no relato de um caso visto por um padre da igreja católica. Shanti nasceu na Índia em 1926 e, aos quatro anos de idade, começou a recordar detalhadamente de sua encarnação anterior como esposa de um rico brâmane que vivia no Nepal, em cidade localizada a 140 km de Delhi, e que morreu um ano antes de Shanti nascer.

2. BUDISMO

O fundador do budismo foi Sidarta Gautama (c. 560-480 a.C.), que viveu na Índia. Ele era filho de um rajá e, apesar da proibição do pai, aos 29 anos saiu do palácio, percebendo que a vida de riqueza e prazer é uma existência vazia e sem sentido. Assim, depois de uma vida de abundância, passou para o extremo oposto, executando exercícios ascéticos durante seis anos. Aos 35 anos, alcançou a iluminação, enquanto estava sentado em meditação sob uma figueira, à margem de alluente do rio Ganges. Sidarta transforma-se num Buddha (palavra sânscrita que significa "totalmente desperto"): alcançou a percepção de que o sofrimento do mundo é causado pelo desejo, alcançando a compreensão de uma realidade absoluta, não transitória, acima do tempo e do espaço, que o budismo chama de nirvana. Para Buda, o ser humano é escravizado por uma série de renascimentos e apenas suprimindo-se o desejo é possível escapar de outras encarnações. Como todas as ações têm conseqüências, o princípio propulsor por trás do ciclo do nascimento-morte-renascimento são os pensamentos, palavras e atos (karma).

O filme dirigido por Bernardo Bertolucci **O pequeno Buda** (The Little Buddha, EUA, 1993) começa no Butão, país situado na Cordilheira do Himalaia, onde um Lama budista percebe sinais de que seu venerando professor, falecido alguns anos antes, poderia estar reencarnado. Ele parte em busca de três candidatos, sendo um deles um menino de Seattle, Estados Unidos. O filme propõe um paralelo entre as culturas ocidental e oriental, discutindo o ceticismo presente em nosso cotidiano atualmente. Esta narrativa principal é intercalada por outra história, a vida do príncipe Sidarta, que vai sendo contada aos poucos pelo Lama ao menino americano. Mostra a transformação de Sidarta em Buda, a sua compaixão pelo sofrimento alheio, causa que move sua busca pela Verdade.

Em **Primavera, Verão, Outono, Inverno... e Primavera** (Bom Yeo Gyeoul geurigo bom, Coréia do Sul/Alemanha, 2003), dirigido por Kim Ki-Duk, dois monges compartilham a solidão em um lago rodeado por montanhas, que os isolam das preocupações mundanas.

Lá, um velho monge ensina a sabedoria de Buda a seu jovem discípulo, ao longo das estações de suas vidas. Entretanto, eles também estão impossibilitados de escapar da roda da vida, dos desejos, sofrimentos e paixões que cercam cada um de nós. Sob os olhos atentos do velho monge, vemos o menino conhecer a dor que sua própria crueldade pode provocar, o despertar para o amor, quando uma mulher entra em sua vida, o poder letal do ciúme e o preço do perdão, com penitências e expiação. O filme ensina a bondade para com todas as formas de vida e a meta da paz interior, destacando o poder da meditação e a necessidade da penitência para limpar o coração do ódio.

3. LAMAÍSMO

No Tibet, o budismo é chamado lamaísmo, do termo *lama* (professor ou mestre), nome atribuído aos líderes espirituais, em geral, monges. Desde o século XVII, o Tibet é governado por um lama principal, o dalai-lama (oceano de sabedoria), líder religioso e político do país que se acredita seja a reencarnação de um famoso bodhista (*bodhi* = iluminação). Ao morrer um dalai-lama, os sacerdotes buscam uma criança que tenha sua marca. Quando, depois de vários testes, é encontrada a criança certa, é consagrada como o novo dalai-lama.

O filme **Kundum** (Kundun, EUA, 1997), de Martin Scorsese, retrata a biografia do atual Dalai Lama, tido como a 14ª reencarnação de Buda, desde os dois anos de idade, quando ainda era Tenzin Gyatso (1935-), até sua fuga para a Índia, ocorrida em 1954, após a invasão chinesa que anexou o Tibet a seu território, e onde encontra-se exilado até hoje.

O filme **Samsara** (The Samsara, França/Índia/Itália/Alemanha, 2001), dirigido por Nalin Pan, aborda a tensão entre o desejo e a renúncia, vivida pelo monge Tashi. Este é um brilhante discípulo vivendo em mosteiro no Himalaia, tendo completado três anos de solitária meditação em local remoto. Tirado do profundo transe, Tashi é levado de volta ao seu antigo monastério, onde lentamente recupera suas forças, mas seu retorno tem resultados inesperados. Apesar de uma vida voltada para rigoroso crescimento espiritual, ele se surpreende ao experimentar intenso e profundo desejo sexual. Tashi começa, então, a questionar seus valores espirituais e sua existência monástica. O monge deseja a bela Pema e resolve procurá-la na aldeia. Mas, o encontro com Pema não apazigua seu coração. Ele tenta responder à pergunta de seu velho mestre: “Vale mais satisfazer mil desejos ou conquistar apenas um?”.

4. TAOÍSMO

O taoísmo baseia-se no livro *Tao Te Ching*, “O livro do Tao” (que significa “ordem do mundo”) e do “Te” (“força vital”). Diz a lenda que o filósofo Lao-Tse, que viveu no século VI a.C., o escreveu. Lao-Tse concebia o Tao como a harmonia do mundo, especialmente o

natural, como Confúcio, só que foi mais além. O Tao é a base da qual todas as coisas são criadas, sendo descrito com o “Céu”, algo divino, embora não seja um deus pessoal. O homem não pode investigar ou estudar a verdadeira natureza do Tao usando o intelecto para compreendê-lo, mas deve meditar, imerso em tranquilidade e esquecer todos os seus pensamentos a respeito de coisas externas. O taoísmo implica passividade e não atividade.

Além dos filmes que mostram as artes marciais (Kung-fu) como **O Tigre e o Dragão** (Wo Hu Zang Long, China/Hong Kong/Taiwan/EUA, 2000), dirigido por Ang Lee, o diretor George Lucas iniciou a saga **Guerra nas Estrelas** (Star Wars, EUA, 1977) desenvolvendo uma hexalogia. Nestes filmes, nenhum dos personagens era terreno, a história ocorre há muito tempo, em uma galáxia distante, sendo, porém, o personagem principal um humanoíde. Esta série promoveu uma visão do mundo oriental, mostrando uma força impessoal auxiliando os bons e os maus, enquanto competiam por poder. O bem venceu no final, mas o herói, Luke, descobriu que o lado negro também fazia parte dele. Vader, o epitome do mal neste seriado, era, na verdade, seu pai. No episódio V (**O Império Contra-Ataca**), encontramos o jovem Luke, representante do lado bom da força, sendo treinado por Yoda, um experiente alienígena integrante do conselho de jedi. Luke entra em uma caverna onde explora e enfrenta o lado mau de sua força. Ele duela e consegue degolar seu oponente com a espada de sabre de luz. Ao observar o rosto do oponente decapitado, fica atônito ao constatar que, na verdade, o oponente era ele próprio: Luke matou o seu próprio lado mau da força. Do ponto de vista do cristianismo, matar a nossa natureza pecaminosa é muito bom e, assim, Luke agiu como um cristão. Mas, essa atitude foi reprovada pelo professor Yoda, que preferiria que seu pupilo tivesse aprendido a conviver com seus lados bom e ruim, sem ter de matar ou aniquilar nenhum dos dois.

Análise Sobre Outras Religiões

1. ESPIRITISMO

O espiritismo é a crença no mundo dos espíritos e na possibilidade dos vivos entrarem em contato com os espíritos dos mortos, considerando isso como fenômeno natural. É produto dos ensinamentos do conjunto dos seres do mundo espiritual. O Espiritismo diz que veio para cumprir a lei cristã, ensinando o que Cristo ensinou e explicando o que não foi dito senão sob a forma alegórica. As idéias espíritas ganharam força em estudo das chamadas experiências de quase-morte. Muitas pessoas que já estiveram próximas da morte afirmam que sua alma deixou o corpo (experiências extracorporais).

Além da Eternidade (Always, EUA, 1989), dirigido por Steven Spielberg, conta a história de um bombeiro florestal que morre em

acidente aéreo. Ao chegar ao paraíso, é apresentado a um anjo, que o estimula a voltar para ajudar sua namorada a viver sem ele e passar seu conhecimento para seu jovem sucessor.

O filme **Ghost - Do Outro Lado da Vida** (Ghost, EUA, 1990), dirigido por Jerry Zucker, mostra um casal apaixonado que tem suas vidas destruídas quando Sam foi assassinado. Seu espírito não vai para o outro plano e fica ajudando Molly, sua esposa, pois ela corre o risco de ser morta por quem considerava seu melhor amigo, que é o mesmo que tirou sua vida. Para poder se comunicar com Molly, ele utiliza uma médium que consegue ouvi-lo.

Um olhar na Escuridão (They Watch, EUA, 1993), de John Korty, conta a história de um homem que, sentindo-se culpado e deprimido pela morte do filho, conhece poderes para conectá-lo no além.

Em **Amor Além da Vida** (What Dreams May Come, EUA, 1998), o personagem Chris, apaixonado por sua mulher, é levado para um mundo inspirado nas pinturas dela. Ele descobre que morreu num acidente e que está no céu. Sua vida etérea se complica quando sua mulher se suicida e é enviada para o umbral. Chris, então, vai ao seu enalço para ajudá-la.

O sexto sentido (The sixth sense, EUA, 1999), do diretor indiano M. Night Shyamalan, mostra um psicólogo que falhou com um antigo paciente e tem a oportunidade de ajudar o jovem Cole, um garoto atormentado, amedrontado e ridicularizado, por ter visões dos mortos. O sonho dele é ser uma criança como qualquer outra: ele quer ir à escola, não ser humilhado pelos amigos e ser convidado para as festas. O ponto fundamental é quando o garoto diz a Willis que o médico só poderia ajudá-lo se ele acreditasse em seu segredo (isto é, que o garoto via os mortos) e que não se tratava de uma alucinação paranóica.

2. RELIGIÕES PRIMARIAS (RELIGIÃO DOS INDÍGENAS)

São aquelas que os estudiosos chamam de “religiões primitivas” e que se encontram entre os povos tribais da África, Ásia, América do Norte, América do Sul e Polinésia. Nestas religiões, há a crença numa miríade de forças, deuses e espíritos que controlam a vida cotidiana. Nelas, o culto aos antepassados e os ritos de passagem desempenham importante papel.

A tribo, grupo de parentesco ou família, forma o arcabouço para a existência diária do africano, compreendendo, além dos vivos, os mortos. O ancestral permanece próximo à tribo, tornando-se um espírito que vive num mundo à parte ou pairando sobre o lar para garantir que seus descendentes observem os costumes. Os mortos vivem no mundo deles da mesma maneira que viviam neste, mantendo até seu papel social. Os africanos não têm nenhum conceito de divisão entre corpo e alma e não crêem que é a alma que sobrevive. Os vivos obtêm força e socorro de seus ancestrais e, ao mesmo tempo,

os mortos dependem das oferendas de seus descendentes, adquirindo força e potência por meio desses sacrifícios. Os ritos de sepultamento são necessários, a fim de que o falecido possa ser aprovado e acolhido pela comunidade dos mortos. Alguém que não seja enterrado de acordo com o costume está arriscado a ter uma existência errante, sem descanso, vagando entre o reino dos vivos e o dos mortos. As religiões tribais africanas não têm textos escritos, o que torna difícil seu estudo.

No filme **Como Era Gostoso o meu Francês** (Brasil, 1971), de Nelson Pereira dos Santos, é contada a captura do aventureiro Hans Staden pela tribo antropofágica dos índios Tupinambás. Staden foi feito prisioneiro durante nove meses para ser comido por seus capturadores porque, comendo seus inimigos, literalmente incorporam parte deles. A preservação ritualística dos ancestrais era feita através de sua ingestão, incorporando sua identidade. A convivência de um civilizado condenado à morte com uma indígena que lhe dão como mulher e a quem está destinado antropofagicamente, é focalizado com perfeita naturalidade.

3. RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

As principais matrizes que geraram as religiões afro-brasileiras foram: matriz africana, catolicismo popular e religiões dos indígenas. Os dois modelos mais conhecidos de religiosidade afro-brasileira são o candomblé e a umbanda. Eles são mostrados nos filmes **O fio da memória** (1991), de Eduardo Coutinho, **Santo Forte** (1999), do mesmo diretor, e **Geraldo Filme** (1998), de Carlos Cortez. O filme **Santo Forte** focaliza as crenças da minoria sociológica, cuja fé manifesta-se sob forma de sincretismo. Embora seja apresentada a questão religiosa, o que efetivamente está em jogo é o fator cultural, mais profundo e abrangente: a essas pessoas, ancestralmente oprimidas, a fé cristã foi imposta como parte integrante de uma cultura de dominação. Isso explica porque, sobretudo nas camadas mais humildes e de origem africana, apesar de seu declarado catolicismo, subsista, de forma declarada ou latente, um extrato anterior que não se dissolveu com a adoção da religião institucionalizada. Por isso, no Brasil, se é, ao mesmo tempo, católico e espírita, umbandista e católico. A religião dos ancestrais, mais do que um culto, constitui um nicho cultural onde as tradições negras conseguem fazer frente às tradições européias. A religião católica serve de anteparo para que uma cultura lumpenizada possa continuar a existir, procurando resistir e preservar uma identidade étnica.

Fé, de Ricardo Dias, mostra a relação da população brasileira com os cultos, seitas e religião. *Fé* é um filme-documentário de longa-metragem, enfocando a religião e a fé no Brasil de hoje e o poder desta fé. No documentário, Dias percorre diversas regiões do país, onde são encontradas diferentes formas de crenças entre os brasileiros,

principalmente aqueles de baixa renda, que buscam força através da religião. Ele ouve pessoas ligadas às manifestações religiosas, valorizando a história de seus personagens, captando momentos como, por exemplo, o da evangélica que teve sua vida transformada por Cristo e que se torna pastora. De acordo com o diretor, muitos são os temas trabalhados no filme, entre eles, o papel da religião como fator de integração e socialização; o templo e o terreiro como centro comunitário; pastores, padres, pais e mães de santo como terapeutas populares; e os preconceitos em relação à religiosidade. Os realizadores partiram do princípio de que religião não é o ópio do povo. A fé tem uma importância decisiva para grande parte da população brasileira e sua presença é ainda maior do que aparenta.

4. MAGIA

Magia é uma tentativa de controlar os poderes e as forças que operam na natureza. É difícil traçar-se linha divisória nítida entre a religião e a magia, entre uma reza e um encantamento. A distinção que mais sobressai é o fato de que, na religião, o indivíduo sente-se totalmente dependente do poder divino. Ele pode fazer sacrifícios aos deuses ou se voltar para eles em oração: porém, em última análise, deve aceitar a vontade divina. Quando, por outro lado, o ser humano se vale dos ritos mágicos, está tentando coagir as forças e potências a obedecer à sua ordem que, com frequência, consiste em atingir finalidades bem concretas. Desde que os rituais mágicos sejam realizados corretamente, o mago acredita que os resultados desejados decerto ocorrerão, por uma questão de lógica. Se ele falhar, irá culpar um erro em seu ritual ou o uso de um feitiço mais forte contra si.

Nas religiões africanas, a magia é definida como a capacidade de influenciar os acontecimentos, aliciando os seres espirituais ou ativamente forças naturais ocultas. Acredita-se na existência de conexão entre dois fenômenos que se parecem: se querem chuva, inventam situação que tenha o mesmo barulho, etc. Outro tipo de magia é a do contágio, a qual age segundo o princípio de que há uma conexão entre as partes e o todo. Se alguém possui algo, peça de roupa ou fios de cabelo, por exemplo, que pertence a um inimigo, terá poder sobre este. Se qualquer uma dessas coisas for agredida, seu possuidor também sofrerá. É igualmente comum considerar que o nome é parte da pessoa. Assim, em muitos lugares, as pessoas receiam dizer seu nome, temendo que alguém possa utilizá-lo para fazer mal a elas.

A maioria dos desenhos animados da Disney, incluindo os dos contos de fadas ingleses, contém veneno de feitiçaria. São criadas maldições, objetos voam pelo ar, poderes especiais são invocados para solucionar problemas. Quem não se lembra da madrasta a fazer bruxaria em **Branca de Neve e os Sete Anões** (1937), o primeiro desenho de Walt Disney e Max Fleischer, e da Fada Azul, em **Pinóquio** (1940), o terceiro desenho da dupla, e da abóbora-carruagem da A

Gata Borracheira (1950). Em **Hércules** (1992), é usada a feitiçaria, tanto Magia Branca (lado do bem) quanto Magia Negra (lado do mal).

As Bruxas de Eastwick (*The Witches of Eastwick*, EUA, 1987), de George Miller, mostra três mulheres solteiras que se reúnem para falar sobre a monotonia da cidade onde vivem e lamentar a inexistência de um homem que possa preencher suas vidas. Elas, sem querer, invocam a vinda de um homem que cria uma guerra entre elas.

As Bruxas de Salem (*The Crucible*, EUA, 1996), de Nicholas Hytner, flagra um grupo de adolescentes no século XVII, realizando ritual demoníaco. Ao serem interrogadas sobre o fato, passam a apontar as pessoas das quais não gostam como sendo as verdadeiras bruxas, como forma de se vingarem.

A série de filmes **Harry Potter**, sendo o último **Harry Potter e o Cálice de Fogo** (*Harry Potter and the Goblet of Fire*, USA, 2005), de Mike Newell, mostra as peripécias do personagem Harry na escola de magia.

5. MATERIALISMO

O materialismo filosófico é a convicção de que todos os fenômenos do mundo podem ser atribuídos às condições físicas. Não há forças espirituais independentemente das leis da física, sendo a realidade composta unicamente da matéria. O materialismo ético é uma visão de vida que dá importância aos benefícios materiais e ao prazer físico. Os materialistas modernos procuram ter uma visão científica coerente da realidade, sendo rejeitada a crença em deuses.

A imagem da velhice é resultante, muitas vezes, da rejeição de algo não-desejado, que deixa de ser apenas a morte e passa a ser o próprio estado de velhice e envelhecimento. É o que mostra o filme **O Retrato de Dorian Gray** (*The picture of Dorian Gray*, EUA, 1945), dirigido por Albert Lewin, baseado em Oscar Wilde. Envelhecer é difícil, pois se a natureza nos puxa para um lado, lembrando os seus ciclos, a cultura nos espicha (literalmente, vejam-se as cirurgias plásticas indiscriminadas) para o outro, impondo-nos a lei do eternamente jovem, sob as sinistras ameaças de perder o homem (ou a mulher), de perder o emprego, de perder a visibilidade, o lugar, o assento e a vez. Como já perdemos, quando envelhecemos, estas ameaças soam amplificadas e aterrorizantes, dentro da cabeça do indivíduo maduro.

O que a modernidade acrescentou ao ideal aristotélico foi o debate sobre o direito ao suicídio, cuja antiga grandeza trágica foi abolida pelo cristianismo. O direito de escolher a própria morte é a confirmação radical da liberdade humana. Daí Albert Camus ter afirmado que o suicídio seria a única questão filosófica verdadeiramente importante, máxima expressão de autonomia dos homens em um mundo sem Deus.

O filme **Deuses e Monstros** (*Gods and Monsters*, EUA, 1998), de

Bill Condon, aborda a vida do diretor de cinema James Whale, autor de filmes como "Frankenstein", trazendo para a tela a homossexualidade, o desejo, a solidão, a degeneração física e mental do velho cineasta devido a um acidente vascular cerebral. O velho cineasta suicida-se, deixando um bilhete em que dizia que a vida, na velhice, tornara-se insuportável e que não culpava ninguém por sua morte.

As Invasões Bárbaras (Les Invasions Barbares, Canadá, 2003), dirigido por Denys Arcand, dá seqüência a "O Declínio do Império Americano". No filme, à beira da morte e com dificuldades em aceitar seu passado, Rémy busca encontrar a paz. Para tanto, recebe a ajuda de seu filho ausente, sua ex-mulher e velhos amigos. O filme trata da sobrevivência do espírito humano ressecado pelo excesso de conhecimento. É a desmoralização da pose acadêmica e o resgate da mais cruel e gratificante verdade humana: aquela que alcança a transcendência ao conhecer o limite imposto pela morte. É um filme que põe em cena o suicídio assistido, contrariando os dogmas cristãos.

O filme **Mar Adentro** (Espanha, 2004), de Alejandro Amenábar, debate sobre o direito de morrer. Baseado na história real de um tetraplégico que lutou pelo direito de legal ao suicídio (e perdeu), o filme termina com uma eutanásia realizada em segredo, outra vez como prova de amor dos que aceitam ajudar o protagonista em sua decisão.

Conclusão

O cinema deu-nos oportunidade para aprofundarmos e conhecermos melhor as diversas manifestações religiosas ou não, se pensarmos nas diversas manifestações esotéricas ou ligadas ao materialismo. Pode-se perceber uma nítida preocupação da linguagem cinematográfica em acentuar os aspectos religiosos em seus extremos, para chocar ou refletir sobre fatos nos quais normalmente os fiéis não param para pensar. Esta alusão que se faz ao dado religioso contribui, em muito, para não se aceitar de forma passiva as informações emanadas pelas autoridades religiosas, que visam, sobretudo, à difusão de suas crenças.

A cultura ocidental contribuiu para o significado que se construiu ao longo do tempo e da história, modificando ou acrescentando informações às três grandes religiões monoteístas. O fato de que o islamismo concentrou-se principalmente no Oriente talvez o tenha libertado da influência capitalista e econômica de enxergar o mundo. O judaísmo e o cristianismo não conseguiram ficar neutros e absorveram esta influência em seus seios. O desafio que estas duas religiões se põem passa, necessariamente, pela libertação das idéias escusas do processo capitalista e consumista de nossa sociedade como, por exemplo, o acúmulo de bens materiais (os judeus são os mais ricos do

mundo) e os cristãos (que lutaram e se dividiram em função da venda de indulgências).

A cultura oriental permaneceu com seus princípios fundamentais sobre a onipresença da divindade, em sua multiplicidade e na sua força impessoal, que permeia a tudo e a todos. A salvação continua tendo as características do eterno retorno à vida por meio do karma e dos atos de sacrifícios. Os filmes que tratam desta temática são envolventes, seduzem pelas imagens e pela linguagem clara, desprovida de artificialismos e tentativas de proselitismos. Muitos espectadores sentem grande sintonia com aquilo que é mostrado e refletido ao longo da trajetória cinematográfica, por encontrarem argumentos e explicações válidas.

Assistir a esses filmes é uma oportunidade para criarmos vínculos ou nos desfazermos deles, através de um momento mais íntimo e reflexivo, que pode nos ajudar a reforçar ou afrouxar nossas convicções e crenças pessoais. Muitos indivíduos saem de uma sessão de cinema com a sensação de que passaram por um êxtase ou por uma catarse que os ajudou a refletir sobre os valores da vida e da própria morte.

REFERÊNCIAS

- Adélia Prado. **Manuscritos de Felipa**. São Paulo: Siciliano, 1999.
- Antonio Balsalobre Leiva. **Lições para uma Vida Despreocupada e Feliz**. Brasília: Caligráfica, 1998.
- Friedrich Hebbel. **Hebbels Werke**. Berlin: Bong, s.d.
- Hayek, Samir El. **Compreenda o Islam e os muçulmanos**. São Bernardo do Campo: Junta de Assistência Social Islâmica Brasileira.
- Jean-Claude Bernardet. Cinema e Religião. In: **O cinema no século XX**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, p. 187-194.
- Judith Viorst. **Perdas Necessárias**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.
- Laércio Torres de Góes. **O mito cristão no cinema**: "O verbo se fez luz e se projetou entre nós". Salvador: EDUFBA, 2003.
- Lao-Tzu. **Tao-Te King**. São Paulo: Pensamento, 1978.
- Martin Heidegger. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Morrie Schwartz. **Lições sobre Amar e Viver**: Reflexões do Professor de "A Última Lição". Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- Piñero A. **O outro Jesus Segundo os Evangelhos Apócrifos**. São Paulo: Mercuryo, 2002.
- Renato da Silva Queiroz. **A caminho do Paraíso**. O surto Messiânico-milenarista do Catulé. São Paulo: FFLCH/USP, CER, 1995.
- Rimpoche B. **Morte e Arte de Morrer no Budismo Tibetano**. Brasília: Shisil Editora, 1997.
- Viktor Emil Frankl. **A Presença Ignorada de Deus**. São Leopoldo e Petrópolis: Sinodal e Vozes, 1997.
- _____. **A Psicologia do Sentido da Vida**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. **Um Psicólogo no Campo de Concentração**. Lisboa: Astor, s.d.
- Walter, Arnold Kaufmann. **Hegel: a Reinterpretation**. Paris: Notre Dame, 1978.